Inga marginata Willd.

(ingazinho, ingá, ingá dedo, ingá feijão, ingá mirim)

Família: Fabaceae

Sinônimos: *Inga leptostachya*

Endêmica: não[5]

Bioma/Fitofisionomia: Amazônia (Floresta de Terra Firme, Floresta de Várzea, Floresta Ombrófila), Cerrado, Mata Atlântica (Floresta Ciliar, Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila)[5]

Recomendação de uso: Restauração, Arborização urbana

O ingá, encontrado preferencialmente em ambientes úmidos, alcança até 20 m de altura quando adulto. Pode ser reconhecido por um tronco curto e liso, com copa arredondada. Possui frutos do tipo legume, que fornecem uma semente envolvida por uma camada adocicada e comestível. Suas flores são brancas, delicadas e perfumadas, tornando a espécie recomendável para arborização urbana. Sua madeira é moderadamente resistente, utilizada em obras externas, caixotaria e carpintaria, além de lenha e carvão.

Etnobotânica e Histórico

Na região de Nazaré Paulista é uma espécie utilizada principalmente para alimentação humana e animal, sendo muitas vezes cultivada nos quintais dos sítios.

Usos específicos: produtos madeireiros (construção civil, carvão, lenha), produtos não madeireiros (alimentação humana, apícola, recurso para fauna, medicinal, ornamental)[17,3,1,2]

Características gerais

Porte: altura 5.0-20.0m DAP 20-50cm[1,3,2]

Cor da floração: branca[6,1]

Velocidade de desenvolvimento: Lenta, Rápida[1,10]

O crescimento do ingá-feijáo é lento. Aos 8 anos de idade, essa espécie apresentou um incremento médio anual em volume de 1,85 m³/ha/ano (SPELTZ, 1968). Crescimento rápido (LORENZI, 2009).

Persistência foliar: Perenifolia, Semidecídua[2,8]

Sistema radicular: Ramificada[9]

Formato da copa: Globosa[2,3]

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: Levemente tortuoso[3]

Superfície do tronco: Lisa[1]

Tipo de fruto: Seco deiscente (Legume)[1,9]

Cuidados

Poda de condução e de galhos: sim[11]

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: não[16]

Drenagem do terreno: Áreas encharcadas/alagadas[15,1,4,3]

Espécie seletiva higrófita (LORENZI, 2009); suporta solos mal drenados (CARVALHO, 2006); adaptação moderada a terrenos úmidos (CARPANEZZI; CARPANEZZI, 2006); indicada para áreas encharcadas permanentemente e áreas de inundação temporária (MARTINS, 2007).

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Pioneira, Secundária inicial[1,13]

Polinizadores: Abelhas, mariposas e beija-flores (MORELLATO, 1991). Polinização por morcegos (CARPANEZZI; CARPANEZZI, 2006). [6,4]

Período de floração: agosto a setembro[7,3,6]

Agosto (CARVALHO, 2006; MORELLATO, 1991) e setembro (SPINA et al., 2001).

Tipo de dispersão: Hidrocórica, Zoocórica[7,2,3]

Agentes dispersores: Pássaros (CARVALHO, 2006). Ornitocoria e quiropterocoria (CARPANEZZI; CARPANEZZI, 2006). [4,3]

Período de frutificação: junho a novembro[7]

Junho e de outubro a novembro.

Associação simbiótica com raízes: sim[14]

Associação com Rhizobium para fixação de nitrogênio.

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore ou no solo[1]

Colher as vagens diretamente na árvore quando iniciarem queda espontânea ou recolhê-las no chão após a queda. Abrir as vagens manualmente e plantar antes que a semente seque.

Tipo de semente: Recalcitrante[12,3]

Tratamento para germinação: Sem necessidade de tratamento[3]

Produção de mudas: Canteiros ou Recipientes individuais[1,3]

Colocar as sementes para germinação, imediatamente após a retirada das vagens, em canteiros semi-sombreados (LORENZI, 2009). Recomenda-se a semeadura direta em saco de polietileno ou em tubetes de polipropileno de tamanho médio (CARVALHO, 2006).

Tempo de germinação: 10 a 30 dias[3]

Taxa de germinação: 80%[3]

Número de sementes por peso: 680/kg[2,1]

Exigência em luminosidade: Exigente em luz[3,1]

Espécie heliófita (LORENZI, 2009). O ingá-feijão é uma espécie heliófila ou esciófila (CARVALHO, 2006).

Bibliografia

[1] LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. 3 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2009. v. 2.

[2] LONGHI, R. A. Livro das árvores: árvores e arvoretas do Sul. Porto Alegre: L & PM, 1995. 176 p.

[3] CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2006. v. 2, 627 p.

[4] CARPANEZZI, A. A.; CARPANEZZI, O. T. B. Espécies nativas recomendadas para recuperação ambiental no Estado do Paraná: em solos não degradados. Colombo: Embrapa Florestas, 2006. 57 p.

[5] GARCIA, F. C. P.; FERNANDES, J. M. Inga. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 12 mar. 2013.

[6] MORELLATO, L. P. C. Estudo da fenologia de árvores, arbustos e lianas de uma floresta semidecídua no sudeste do Brasil. 1991. 176 f. Tese (Doutorado em Biologia) - Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1991.

[7] SPINA, A. P.; FERREIRA, W. M.; LEITÃO FILHO, H. F. Floração, frutificação e síndrome de dispersão de uma comunidade de floresta de brejo na região de Campinas (SP). Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 15, n. 3, p.

349-368, 2001.

[8] LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.1, 368 p.

[9] SANCHOTENE, M. C. C. Frutíferas Nativas úteis à fauna na arborização urbana. 2 ed. Porto Alegre: SAGRA, 1989. 306 p.

[10] SPELTZ, R. M. Comportamento de algumas essências nativas na Fazenda Monte Alegre. In: CONGRESSO FLORESTAL BRASILEIRO, 1968, Curitiba. Anais... Curitiba: FIEP, 1968. p. 299-302.

[11] RIO GRANDE ENERGIA - RGE. Manual de arborização e poda. Rio Grande do Sul: Gráfica Editora Pallotti, 2000. 40 p.

[12] SCREMIN-DIAS, E.; BATTILANI, J. L. SOUZA, A. L. T. de; PEREIRA, S. R.; KALIFE, C.; SOUZA, P. R. de; JELLER, H. Produção de sementes de espécies florestais nativas: manual. v. 2. Campo Grande: Editora UFMS, 2006. 59 p. (Rede de Sementes do Pantanal)

[13] MANGUEIRA, J. R. S. A. A regeneração natural como indicadora de conservação, de sustentabilidade e como base do manejo adaptativo de fragmentos florestais remanescentes inseridos em diferentes matrizes agrícolas. 2012. 128 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba. 2012.

[14] GONÇALVES, C. A.; GOI, S. R.; JACOB NETO, J. Crescimento e nodulação de Inga marginata em resposta à adição de nitrogênio, fósforo e inoculação com rizóbio. Floresta e Ambiente, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 118-126, jan./dez. 1999.

[15] MARTINS, S. V. Recuperação de matas ciliares. 2 ed. Viçosa: Aprenda Fácil Editora, 2007. v. 1, 255 p.

[16] BIONDI, D.; LEAL, L. Caracterização das plantas produzidas no Horto Municipal da Barreirinha – Curitiba/PR. Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana, Piracicaba, v. 3, n. 2, p. 20-36, jun. 2008.

[17] LOPEZ, J. A.; LITTLE; E. L.; RITZ, G. F.; ROMBOLD, J. S.; HAHN, W. (1887) Arboles comunes del Paraguay: Ñande yvyra mata kuera. 2 ed. Assunción, Paraguay: Editorial Grafica Mercurio S. A., 2002. 485 p.